

IV Congreso Chileno de Antropología. Colegio de Antropólogos de Chile A. G, Santiago de Chile, 2001.

Alcoolismo: acusação ou diagnóstico?.

Delma Pessanha Neves.

Cita:

Delma Pessanha Neves. (2001). *Alcoolismo: acusação ou diagnóstico?.* IV Congreso Chileno de Antropología. Colegio de Antropólogos de Chile A. G, Santiago de Chile.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/iv.congreso.chileno.de.antropologia/15>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/ef8V/vB6>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Alcoolismo: acusação ou diagnóstico?

Delma Pessanha Neves*

Tomando a superação de inculcações culturais inerentes à sociedade dos antropólogos como condição básica da produção de conhecimento antropológico sobre o alcoolismo, o texto coloca em relevo um conjunto de limites epistemológicos que têm levado à secundarização do fenômeno social como objeto de estudo nas ciências sociais.

As análises estão, por um lado, centradas numa avaliação da produção intelectual de antropólogos que se consagraram na construção do referido objeto de estudo. E, por outro lado, em considerações emergidas da reflexão de dados etnográficos obtidos em trabalho de campo, realizado em bairros populares de um dos municípios que compõem a região do Grande Rio, estado do Rio de Janeiro, Brasil. E têm por objetivo socializar investimentos exegéticos e reflexões metodológicas, construídas para dar conta do caráter contraditório da prática do antropólogo, ao se dedicar à pesquisa de uma reconhecida doença, cujas bases de recuperação pressupõem a internalização da acusação moral erigida em redenção social.

Por esta démarche, o autor coloca em questão a recorrente contraposição entre antropologia das maneiras de beber ou da sociabilidade e antropologia médica ou da doença.

Nas ciências sociais, tem-se acompanhado com vigor uma série de situações qualificadas como problemas sociais contemporâneos, como os decorrentes da presença da aids, do uso de drogas ilícitas, da violência especialmente urbana. Mas tem-se dado menor peso ao uso definido como problemático de bebidas alcoólicas. Talvez pela poluição de perspectivas definidoras que articulam tais usos a uma definição de morbidade, especialmente psiquiátrica (cf Bacon, 1976a, 1976b; Douglas, 1987; Everett et alii, 1976; Fainzang, 1996; Houtaud et alii, 1995; Room, 1984). Constituído-se em problema a partir da confluência de domínios biológicos, psicológicos e sociais, a análise do uso "patológico" de bebidas alcoólicas exige investimentos exegéticos e reflexões metodológicas sistemáticas, de modo a ser construído como objeto

sociológico. Sob este objetivo, as considerações aqui apresentadas pretendem contribuir.

O movimento de temperança do século XIX, emergido principalmente na sociedade americana, imputou uma imagem profundamente negativa aos bebedores (cf Gushfield, 1962, 1963 e Soares, 1999). O desenvolvimento de saberes referidos ao alcoolismo como doença (a partir de Huss, 1853) colaborou para enfatizar seus aspectos negativos e para mobilizar a construção de controles sociais (cf Ancel et Gaussot, 1998; Bacon, 1976b, 1976c; Bernard, 1985; Caro et Morin, 1990; Fainzang, 1996; Jellinek, 1960). Por isso, o interesse da pesquisa sobre a ingestão de bebidas alcoólicas tem sido mais concentrado sobre a embriaguez do que o beber e o beber, mais como desvio individual do que comportamento social (cf Neves, 2001a e 2001b).

A ingestão de bebida alcoólica, inclusive a considerada abusiva, constitui um ato social, isto é, dotado de regras. A qualificação do abuso nada mais é que a denúncia coletiva da transgressão a essas regras. A possibilidade social do uso de álcool sob condição de embriaguez induz à construção de regras restritivas a esta alternativa. Estas regras geralmente englobam quem pode e quem não pode beber, o que se pode beber, em que contextos, em companhia de quem, etc. Em consequência, o beber qualificado como excessivo não pode ser compreendido apenas pela perspectiva da doença e do desvio. E mesmo sob esta perspectiva, não pode ser compreendido tão somente pelo ato individual. Os padrões do uso do álcool, suas funções e significados são consoantes ao contexto cultural em que o ato de beber ocorre: influenciam os modos da ingestão, os efeitos da bebida e as ações sobre as transgressões proscritas.

Como destaca Fainzang (1996), é preciso ter cuidado para não se cair na contraposição entre antropologia da saúde/doença ou antropologia do beber. Ambas estão referidas aos estudos de princípios de organização social e de construção das regras que presidem práticas coletivas. As transgressões não podem ser entendidas se apartadas das prescrições exaltadas.

* Dra. em Antropologia Social - Universidad Federal de Rio de Janeiro. Postdoctorado en Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris y en Université Paris X, Nanterre, France.

O beber como ato social: sobriedades e exaltações

O beber é um ato social embebido no contexto de valores, atitudes, normas, modos de classificação do tempo e concepções de realidade, muito freqüentemente implícitos nos comportamentos referentes (cf. Hazan, 1984). Por isso, torna-se mais adequada a referência a maneiras de beber, construções sociais orientadas por atitudes e crenças que definem proscricões e prescrições.

Cada sociedade tem estabelecidos os momentos de beber (os diferentes significados atribuídos aos variados contextos), ou seja, os modos designados de periodização do tempo. O comportamento relacionado ao momento de beber serve para organizar a experiência temporal, devendo então ser estudado na articulação com sistemas de estruturação social, orientações culturais e condições ecológicas (cf. Gushfield, 1987; Hazan, 1987). O processo de aprendizagem da transição mediada pela bebida inclui a superação de efeitos desagradáveis, como freqüentemente acontece com a primeira experiência com o tabaco, com o álcool, etc (cf. Becker, 1966; Velho, 1998).

A definição do contexto possível já é indicadora das formas de controle social. Beber em grupo acena para a proscricão de que não se deve beber sozinho ou ao desabrigo dos valores e afiliações comunitárias. A emergência da concepção de alcoolismo é expressiva da consolidação das ideologias construtivas da noção de indivíduo. É caldatária do contexto de construção das sociedades urbanizadas, do deslocamento individualizado de pessoas e das alternativas de acesso à bebida sob improviso, no curso de uma jornada, no retorno para casa (Nahoum-Grappe, 1989: 101-109). Por isso, é importante distinguir e contextualizar os significados dos termos culturais que demarcam as distinções: alcoolização, embriaguez, alcoolismo, bebedor, bêbado, embriagado, alcoólatra, alcoólico, alcoolista, alcoólico ativo, alcoólico passivo etc. Eles dizem respeito aos graus de tolerância e às atitudes de cada um destes diferentes estados.

Nas sociedades ou nos contextos em que a alcoolização faz parte de um código de polidez, o abstinente é socialmente constrangido. E se associa, para alguns, positivamente, ao reconhecimento da internalização da identidade masculina (cf. Guedes, 1997; Jardim, 1991; e Machado da Silva, 1978). Nas situações de bar, a obrigação do uso do álcool como código de polidez tem a função de "lubrificante social" (cf. Bihl-Willete, 1997;

Castelain, 1989; Desjeux et alii, 1999; Garcia, 2000; Peçanha, 2000; Nourrisson, 1990 e Silva, 2000). Em decorrência desta função, alguns segmentos profissionais se crêem obrigados a consumos freqüentes ou mesmo a hiperconsumos, bem como a condicionamentos (cf. Castelain, 1989; Gaboriau, 1993; Neves, 1994).

O alcoolismo como objeto de estudo antropológico

As resistências e as reticências dos antropólogos em relação ao reconhecimento do alcoolismo como objeto de estudo se devem a várias posturas erigidas em dogmas epistemológicos. Uma delas é a referência obrigatória à relatividade cultural, posto que o uso do álcool como problema e seu coadjuvante, o alcoolismo, estão ausentes em várias sociedades, embora a embriaguez seja freqüente e, por vezes, altamente estimada (cf. Ancel et alii, 1998; Bernand, 1985; Huss, 1853; Jellinick, 1960, Sournia, 1986; Suissa, 1998).

Esforçando-se, no início do século, para se distinguir dos preconceitos dos missionários e administradores, que tendiam a ampliar o problema, acautelando-se da imposição de uma visão inerente à sua própria sociedade, os antropólogos negligenciaram a questão do uso culturalmente inadequado de bebidas.

Segundo interpretações apresentadas por resenhadores (Heath, 1987 e Room, 1984) - sob o a priori de que trabalhos etnográficos sobre uso de bebidas são afetados por definições culturais -, as perspectivas dos antropólogos são diferentes conforme a consagração do conceito de alcoolismo. Na literatura etnográfica que antecede aos movimentos de interdição do uso de bebidas alcoólicas, especialmente nos Estados Unidos, a "extrema" insobriedade foi mais recorrentemente registrada. Por isso, os resenhadores acima referidos entram em acordo quanto à constituição desse campo temático (na Antropologia) por volta da década de 40. Mas a contribuição analítica se amplia a partir da década de 50, em face, inclusive, da difusão do uso do álcool em "sociedades primitivas" sob colonização; ou pela relevância temática da associação entre a difusão do uso e o controle de bebidas pela conversão religiosa (Bacon, 1976b, 1976c).

O estudo do alcoolismo entre os antropólogos foi então estimulado pela tomada de posição política frente aos efeitos - cultural e socialmente - catastróficos da inclusão da ingestão do álcool entre os membros das sociedades não-ocidentais ou não-industriais. Entretanto, a partir da década de setenta, os antropólogos

expandem seu campo de ação para o estudo das sociedades industriais. Incluem fontes e dados utilizados por especialistas da análise e da intervenção no uso e abuso do álcool. Integram equipes de serviços de clínicas médicas e centros acadêmicos sobre o tema. Incorporam como segmentos etnografáveis os trabalhadores e a chamada classe média, mais recentemente integrada massivamente a consumos conspícuos e distintivos mediados pela bebida alcoólica. Portanto, os antropólogos se engajam com outros profissionais especializados no estudo do uso do álcool enquanto patologia. Esta inclusão, contudo, mantém a definição epistemológica do superdimensionamento do problema ou da patologia como qualificações emergidas historicamente na cultura ocidental.

Incluindo-se no debate pela relativização da dimensão do problema, os antropólogos (especialmente americanos) provocaram mudanças na perspectiva analítica dos que adotam a definição do uso abusivo do álcool como patologia. Colocaram em causa a associação entre o alcoolismo e os efeitos anômicos, através da inversão da perspectiva: a anomia, se aceita enquanto categoria explicativa da dinâmica social, seria causa e não consequência. Mas deram pouca contribuição ao entendimento dos princípios éticos de constituição de uma patologia social, porque mantiveram uma perspectiva funcionalista. Destacaram o uso do álcool pelo seu efeito relaxador dos constrangimentos culturais e facilitador de aprendizados diversos, conforme cada cultura (cf Heath, 1987:24). Reivindicaram a exemplaridade das situações de ingestão de bebida alcoólica para o estudo das formas de pensamento e ação que orientam o comportamento social, inclusive o referido por processos mentais inconscientes (cf Bott, 1987: 182- 204).

Room (1984), elaborando uma resenha de textos apresentados em alguns congressos, sistematizou os modos de constituição da antropologia americana voltada para o tema: em contraste com a epidemiologia. Esta contraposição, destaca, cada vez mais se acentua pela reprodução ampliada das sociedades integradas ao campo etnográfico, especialmente os segmentos sociais dos quais os antropólogos são originários.

Entre os antropólogos que se ocuparam do estudo das maneiras de beber e da relativização dos significados do termo alcoolismo, destaco ainda a contribuição de Mary Douglas (referência obrigatória). No texto em que apresenta os comentários introdutórios - *A distinctive anthropological perspective* - ao livro *Constructive Drinking-Perspectives on Drink from Anthropology*, Cambridge University, 1987, ela reconhece que os

antropólogos têm valorizado as investigações sobre os modos de pensamento e ação referentes à bebida, desde que ressaltada a historicidade da constituição do alcoolismo como problema. Oferecem melhor contribuição sobre as maneiras de beber de outras sociedades - não-ocidentais, onde o ato de beber está geralmente associado à festa e à sociabilidade e a embriaguez é valorizada e procurada, mesmo que sob mecanismos de controle dos excessos (cf Nahoum-Grape, 1991). Nestas situações, os homens são apreciados pela capacidade de beber e pela possibilidade de gastar recursos neste consumo conspícuo.

A especificidade da produção do saber antropológico sobre o alcoolismo não é reivindicada apenas pelos antropólogos americanos. A mesma caracterização é apresentada por Fainzang (1996), analisando o campo temático francês. Segundo esta autora, os antropólogos vêm insistentemente investindo na construção de uma perspectiva específica para estudar os modos de ingestão de bebida e de alcoolização. Reafirmam como objeto de estudo as maneiras de beber, a partir das práticas sociais que elas implicam, dos valores e da sociabilidade. Para tanto, contrapõem-se aos sociólogos e aos epidemiologistas, recusando-se a incorporar categorias médicas, salientando a relatividade e a historicidade da noção do alcoolismo como doença; e enquadrando este último ponto de vista em contextos específicos.

Entre os antropólogos brasileiros, o alcoolismo é tema tangencial ao estudo das relações sociais objetivadas por assíduos frequentadores de bar. Machado da Silva (1978) apresentou uma contribuição pioneira, ao eleger os significados atribuídos ao botequim enquanto um dos tipos de casas de bebida na sociedade urbana. Valorizando a análise dos temas de conversação, que aí se singularizam, ressalta que eles lançam luz sobre os modos de percepção e controle do alcoolismo, num espaço social consagrado ao uso de bebidas alcoólicas. Relevando o papel do bar enquanto espaço privilegiado de produção e reprodução de convívios rotineiros entre os homens (trabalhadores), Guedes (1997:149-150) oferece exemplos etnográficos sobre os modos de controle do consumo de bebidas alcoólicas. Segundo ela, o auto-controle é parte do comportamento masculino esperado, razão pela qual o alcoolismo é objeto de atenção e verbalização constante das pessoas adultas.

Assim sendo, o que importa aos antropólogos é muito mais o alcoolismo como modo de vida, como um traço da cultura e muito menos como patologia. Situados sob condições de risco da adesão ao etnocentrismo, os

antropólogos se apegam à confissão de fé: deve-se restituir o ponto de vista do consumidor sobre o consumo do álcool e o sistema de valores subjacentes que as maneiras de consumo exprimem e reproduzem (cf Fabre-Vassas, 1989).

Contudo, restituir o ponto de vista do consumidor não assegura o afastamento da equação alcoolismo=doença, quando este for o ponto de vista do pesquisado. Daí a importância que vem sendo atribuída aos estudos sobre os movimentos dos antigos bebedores ou à reflexão sobre o sentido da abstinência compreendida como valor, como terapia ou como princípio organizador da existência.

O alcoolismo como fenômeno socialmente construído

Ao tomar o alcoolismo como objeto de estudo, estou supondo ser fundamental explicitar os modos de superação de preconceitos e de disposições mentais, inculcadas pelas formas de representação cultural que a ele atribuem significados. E valorizar empiricamente as situações de produção de ilegitimidade do consumo do álcool, destacando que as atitudes constituem fatos a serem explicados. Portanto, não podem ser tomadas como explicação. A questão a ser investigada se desloca então para a compreensão do modo como os membros de segmentos sociais e culturais específicos se relacionam com a embriaguez. E, se presente, com a noção ou conceito de alcoolismo, sem cair na sedução da explicação do porquê.

A desconstrução de associações redutoras e moralizadoras mostra-se exercício imprescindível. Uma delas, bastante recorrente, diz respeito à equação pobreza, precariedade e alcoolismo. De um modo positivo, a associação tende a valorizar a relação entre precárias e adversas condições de trabalho e uso sistêmico ou abusivo de álcool. De um modo negativo, a associação tende a consagrar a articulação entre uso abusivo de bebida alcoólica e imprevidência individual, incompatível com desempenhos de papéis de esposo, companheiro e pai.

Da mesma forma, julgo importante ressaltar a impropriedade de isolar o alcoolismo como fenômeno social. E, retribuindo-lhe o caráter social, não me abster de compreender os modos moralizantes de representação do alcoolismo: seus efeitos sobre a construção das relações sociais e sua atribuição como fator dissolvente de unidades sociais fundamentais como a família ou perturbador do exercício de papéis básicos como trabalhador-esposo.

Diante de tais formas preconstruídas de concepção do alcoolismo, revela-se extremamente eficaz a análise das representações estruturantes dos discursos edificantes das ações militantes subjacentes ao projeto político antialcoólico. A unidade de análise deve então recair sobre grupos e indivíduos relacionais, destacando que o alcoolismo aparece inseparável dos alcoólatras e dos agentes autorizados à etiquetagem.

Sendo o alcoolismo definido como doença, por um lado está em jogo o poder de quem diagnostica e reivindica a legitimidade do enquadramento social. Definido como produto de uma vontade lábil ou do desabono da pessoa moral, está em jogo, por outro lado, o poder de quem desmoraliza. Desta análise, torna-se possível encaminhar a demonstração das condições sociais de possibilidade de existência contextual do fenômeno de desqualificação dos abusos não aprovados.

Sendo a designação explicitadora da produção e dos modos de cumprimento de padrões de regras de comportamento, o estudo dos casos de exceção, no contexto em que têm vigência, oferece oportunidades de entendimento dos atos de beber socialmente aprovados e de suas respectivas formas de controle. Tomando a trajetória construída por alcoólatras para fazer emergir os pontos de ruptura, posso compreender os processos de socialização do bom bebedor; ou as regras e as normas que definem como beber. Portanto, o uso aprovado do álcool e o alcoolismo constituem-se em temas pertencentes a uma mesma sociologia da sociabilidade e aos mesmos sistemas sócio-culturais. A situação ideal de pesquisa para estudar o processo de alcoolização e os modos de convivência daquele considerado alcoólatra, foi definida como o bar. Neste espaço, procurou-se entender a construção das representações, das formas de legitimação e do controle da prática do uso de bebidas alcoólicas. Para ser privilegiado como unidade de análise, o bar fora definido como espaço laboratório onde circulam os instrumentos de mediação para a definição do ato de beber, suas valorizações, interdições e desclassificações.

Os alcoólatras-alcoólicos-alcoolistas e os paradoxos do método etnográfico

Como, na situação etnográfica erigida no bar, colocar em prática o prezado princípio metodológico da Antropologia: o entendimento pelo modo de vida, pela consideração das atitudes e das percepções dos pesquisados? Como pedir para falar sobre o alcoolismo, o desclassificado como alcoólatra?. Não seria o discurso do alcoolismo um produto social dos que o

condenam? Portanto, quem, a priori, aceitaria ser entrevistado? O alcoólatra? Quem é o alcoólatra? O que internalizou a acusação e dela se valeu para produzir ressocializações negadoras desta mesma experiência. Aquele bebedor que, da ritualização da desqualificação, produziu requalificações positivas. Aquele que, da vivência sob liminaridade, transformou-a em situação redentora. E, por um ritual de passagem, identificou-se como alcoólatra, em outras situações sociais; emergiu-se por processos de "ressurreição", sustentados em outras formas de socialização e de construção da identidade.

Afinal, pôde-se compreender que não é no bar, mas nos espaços sociais construídos pelos alcoólatras vinculados a terapias ou à instituição dos Alcoólatras Anônimos, que são dramatizados os modos de construção do alcoólico como identidade redentora, graças à entre-ajuda ou à solução coletiva.

Nesses termos, a associação de antigos alcoólicos, em suas diversas modalidades, mas cujo maior reconhecimento é atribuído aos Alcoólicos Anônimos, constitui objeto de estudo privilegiado para a antropologia. Nas associações, seus participantes colocam em relevo um universo portador de representações culturais, gerador de condutas sociais e produtor de identidades. No seio dessas associações, a vida dos antigos alcoólicos se reorganiza em torno do alcoolismo, fenômeno biológico e social gerido de forma individual e coletiva (cf Fainzang, 1996: introdução, 7-16 e Garcia, 2001).

Relativizando o outro discurso hetero-construído sobre os alcoólatras e, desta forma, algumas das representações sobre o alcoolismo, o antropólogo tem que reconhecer ser talvez esta última a única maneira possível de entrar em contato com indivíduos que socialmente disputam este reconhecimento. Portanto, ele deve, desde o início da pesquisa, assumir os limites impostos a este tipo de ação etnográfica e a especificidade das conclusões a serem alcançadas.

Espero, com as considerações aqui apresentadas, socializar algumas questões decorrentes de análises já elaboradas a partir de situações de pesquisa empírica. E trazer a público, alguns dos problemas inerentes ao estudo do alcoolismo, vividos pelo grupo de pesquisa que coordeno. Meu intuito foi colocar em destaque os riscos, as ambigüidades e as atenções inerentes ao trabalho do antropólogo, ao estudar o alcoolismo. A explicitação das estratégias de controle dos riscos torna-se um a priori metodológico irrecusável. Afinal, os termos alcoólatra e alcoolismo são ao mesmo tempo signos de diagnóstico, de insulto e de injúria.

Definindo unidades sociais de análise complementares, o pesquisador se coloca mais facilmente diante de estratégias de controle dos preconceitos moralizadores, que também produzem o alcoolismo. E, por via de consequência, diante de fatores importantes para a constituição e o reconhecimento dos alcoólatras. Considerando as situações e as trajetórias, os antropólogos podem tentar se guardar, para não serem tragados pelos riscos de estudar o alcoolismo como problema individual.

Bibliografia

- ANCEL, Pascale et GAUSSOT, Ludovic - Alcool et alcoolisme. Pratiques et représentations. Paris, L'Harmattan, 1998.
- BACON, Margaret K. - "Cross-cultural studies on drinking: integrated drinking and sex differences in the use of alcoholic beverages" in EVERETT, M. W.: WADDELL, J.O. and HEATH, D. B. (eds.) - Cross-cultural Approaches to the Study of Alcohol: An Interdisciplinary perspective, Mouton, The Hague, 1976a: 65-83.
- BACON, Margaret K. "Alcohol use in primitive societies". The Biology of Alcoholism, Vol. 4: Social Aspects. (B. Kissin and H. Begleiter, eds.), Plenum Press, New York, 1976b:23-37.
- BACON, Margaret K. "Alcohol use in tribal societies". KISSIN, Benjamin and BEGLEITER, Henri - Social aspects of alcoholism. New York, Plenum Press, 1976c: 1 - 36.
- BECKER, Howard - Outsiders. Macmillan Co., The Free Press, 1966.
- BERNARD, Carmen - "De l'invrognerie à l'alcoolisme". Informations Sociales, 1985: n° 8:24 - 29.
- BIHL - WILLETE, Luc - Des Tavernes aux bistrots. Une histoire des cafés. Lausanne, Suisse; Éditions L'Age d'Homme, 1997.
- BOTT, Elizabeth - "The Kava Ceremonial as a Dream Structure". DOUGLAS, Mary (edit.) Constructive Drinking. Perspectives on Drinking from Anthropology. Cambridge, Cambridge University Press, 1987: 182 - 204.
- CARO, Guy et MORIN, Edgar (dir.) - De l'alcoolisme au bien boire. Tome 1. Paris, Éditions L'Harmattan, 1990.
- CASTELAIN, J. P. - Manières de vivre, manières de boire. Alcool et sociabilité sur le port, préface de C. Bernard, Paris, Éditions Imago, 1989.
- DESJEUX, Ominique, JARVIN, Magdalena et TAPONIER, Sophie (dir.) - Regards anthropologiques sur les bars de nuit. Espaces et sociabilités. Paris, L'Harmattan, 1999.
- DOUGLAS, Mary (ed.) - Constructive drinking perspective on drink from anthropology. Cambridge University Press, M.S.H., 1987.

- EVERETT, M. W.: WADDELL, J.O. and HEATH, D. B. (eds.) - *Cross-cultural Approaches to the Study of Alcohol: An Interdisciplinary perspective*, Mouton, The Hage, 1976.
- FAINZANG, Sylvie - *Ethnologie des anciens alcooliques. La liberté ou la mort*. Paris, Presses Universitaires de France, 1996.
- FABRE-VASSAS, Claudine - *La boisson des ethnologues*, Terrain, nº 13 (Boire) 1989: 5- 14.
- GABORIAU, Patrich - *Le clochard*. Paris, Julliard, 1993.
- GARCIA, Angela Maria - *Os bares no contexto de um bairro popular. Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq, vinculado ao Projeto de pesquisa O alcoolismo e a exclusão social, coordenado pela professora Delma Pessanha Neves, 2000.*
- GARCIA, Angela Maria - *A noção do fundo do poço e a viabilidade dos Alcoólicos Anônimos. Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq, vinculado ao Projeto de pesquisa O alcoolismo e a exclusão social, coordenado pela professora Delma Pessanha Neves, 2001.*
- GUEDES, Simoni Lahud - *Jogo de corpo*. Niterói, EDUFF, 1997.
- GUSHFIELD, J. R. - "Status conflict and the changing ideologies of the American temperance movement". *Society, Culture and Drinking Patterns* (D. J. Pittman and C. D. Snyder, eds.), Wiley and Sons, New York, 1962: 101 - 121.
- GUSHFIELD, J. R. - *Symbolic Crusade: Status Politics and the American Temperance Movement*. Urban, Ill U. of Illinois Press, 1963.
- GUSHFIELD, Joseph R. - "Passage to play: rituals of drinking time in americam society". DOUGLAS, Mary (Edited) - *Constructive drinking. Perspective on drink from anthropology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987: 73 - 90.
- HAZAN, Hain - "Holding time still with cups of tea". DOUGLAS, Mary (Edited) - *Constructive drinking. Perspective on drink from anthropology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987: 205 - 219.
- HEATH, Dwight B. - "A decade of development in the anthropological study of alcohol use". DOUGLAS, Mary (Edited) - *Constructive drinking. Perspective on drink from anthropology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987; 17 - 69.
- HOUTAUD, Alphonse d' et TALEGHANI, Michel - *Sciences Sociales et Alcool*. Paris, L'Harmattan, 1995.
- HUSS, M. - "Analyse de l'alcoolisme chronique par le Docteur Magnus Huss" in *Annales médico-psychologiques*, 5. Paris, 1853:60-88.
- JARDIM, Denise Fagundes - *De bar em bar: identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares*. Porto Alegre, UFRGS, 1991.
- JELLINEK, E.M. - *The disease concept of alcoolisme*. New Haven, Hill House Press, 1960.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio - "O significado do botequim". *Cidade : usos & abusos*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1978 : 77-114.
- NAHOUM-GRAPPE, Véronique - *Histoire et anthropologie du boire en France*. NAHOUM-GRAPPE, Véronique et alii - *De l'ivresse à l'alcoolisme. Etudes ethnopsychanalytiques*. Paris, Dunod, 1989:83-169.
- NAHOUM-GRAPPE, Véronique - *La culture de l'ivresse. Essai de phénoménologie historique*. Paris, Quai Voltaire, 1991.
- NEVES, Delma Pessanha - *La misère en spectacle. Cahiers du Brésil Contemporain n. 25/26*, Paris, Maison des Sciences de l'Homme, 1994:61-80.
- NEVES, Delma Pessanha - *A produção de conhecimentos sobre o consumo de bebidas alcoólicas. Análise de levantamento bibliográfico. Projeto de pesquisa O alcoolismo e a exclusão social*, Niterói, 2001a.
- NEVES, Delma Pessanha - *Maneiras de beber: transições prescritas e transgressões proscritas. Resenha de textos sobre a análise sociológica das maneiras de beber e do alcoolismo. Projeto de pesquisa O alcoolismo e a exclusão social*. Niterói, 2001b.
- NOURRISSON, Didier - *Le buveur du XIXe siècle*. Paris, Albin Michel. 1990.
- PEÇANHA, Marcel Robalinho Senra - *Os bares como patrimônio familiar: o bar de S. Joaquim e o bar de S. Jorge. Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq, vinculado ao Projeto de pesquisa O alcoolismo e a exclusão social, coordenado pela professora Delma Pessanha Neves, 2000.*
- ROOM, Robin - "Alcohol and ethnography: a case of problem deflation?". *Current Anthropology. A world journal of the science of man*. April 1984, vol 25, nº 2. Chicago, Werner-Gren Foundation for Anthropological Research, 1984: 169 - 191.
- SILVA, Patrícia Ferreira da - *O dono do bar e os bebedores exemplares. Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq, vinculado ao Projeto de pesquisa O alcoolismo e a exclusão social, coordenado pela professora Delma Pessanha Neves, 2000.*
- SOARES, Barbara Musumeci - *Mulhers invisíveis. Violência conjugal e novas políticas de segurança*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.
- SOURNIA, J.C. - *Histoire de l'alcoolisme*. Paris, Flammarion, 1986.
- SUISSA, Amnon Jacob - *Pouquoi l'alcolisme n'est pas une maladie*. Québec, Fides, 1998.
- VELHO, Gilberto - *Nobres & Anjos. Um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.